



Foto Alencar Monteiro - Telefoto Estado

Nilo abre a sessão, para depois condenar tecnocratas

02 MAR 1983

## Nilo anuncia 'primado da política sobre a técnica'

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O Congresso Nacional instalou ontem à tarde os trabalhos do primeiro semestre da 47ª legislatura, para o recebimento da mensagem presidencial ao Parlamento e com discurso em que o presidente do Senado, Nilo Coelho (PDS-PE), declarou que se estava inaugurando entre nós "o primado da política sobre a técnica" e que "não pode haver separação entre a verdade do governo e a realidade da população brasileira".

Pela manhã, numa conversa informal com jornalistas, Nilo Coelho sugeriu existirem dentro do governo alguns "pavões" que ainda pensam continuar o governo disposto de um "rolo compressor" no Legislativo, esquecidos de que o PDS agora é minoria na Câmara e precisa dialogar com a oposição. Disse, ainda, que alguns ministros não falam aquilo que o País está sentindo e manifestou-se favorável à constituição de um colegiado para dirigir a política econômico-financeira. Ele não usou expressamente a palavra "pavão", preferindo dizer que há no governo quem se pareça com "aquele ave, de penas vistosas".

Em seu pronunciamento, durante as solenidades de reabertura do Congresso, Nilo Coelho fez clara advertência às posições mais comuns da política econômica do governo, para criticar "a insistência em se atrelar a nossa economia à conjuntura internacional recessiva, para a qual pouco contribuímos". No plenário, completamente tomado, foi notada a ausência dos principais ministros da área econômica, como Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvães, da Fazenda.

Muito aplaudido, o presidente do Senado afirmou que "nada justifica a sujeição à política econômica internacional", já que "nem o nosso povo de hoje, nem os brasileiros de amanhã, nos redimirão dessa omissão". Ao contrário do que defende a mensagem presidencial enviada ao Congresso, Nilo Coelho pregou o retorno ao mercado interno, assinalando que, "se precisamos encontrar, dentro de nossas fronteiras, o caminho do crescimento, devemos saber distinguir, com mais justiça, seus benefícios sociais". Defendeu a necessidade de urgentes programas destinados a reduzir as disparidades regionais de vida entre as regiões brasileiras.

Nilo pediu, ainda, a criação de um Direito Urbano e o fortalecimento dos municípios. E, nesse ponto, outra crítica à política do governo: "Tudo isso pode ser feito sem a participação de recursos externos, sem agravar os desequilíbrios do balanço de pagamentos".

### A SESSÃO

A sessão foi instalada às 15h10, sendo suspensa a seguir para que uma comissão de líderes partidários pudesse conduzir ao plenário o ministro-chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, que fez a entrega da mensagem presidencial a Nilo Coelho. Estavam no plenário, além de diversas autoridades, os ministros Cloraldino Severo, dos Transportes; Esther Figueiredo Ferraz, da Educação; Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça; César Cals, das Minas e Energia; Mário Andreazza, do Interior; e Camilo Penna, da Indústria e Comércio. Cinco minutos depois de ser entregue, a mensagem foi lida pelo 1º secretário

da Mesa do Senado, Henrique Santillo, do PMDB de Goiás.

O chefe do Gabinete Civil permaneceu sentado na primeira fila de bancadas, entre os líderes Nélson Marchezan e Aloysio Chaves, ambos do PDS. Pouco antes, ele subiu à mesa pelas escadas que levam à tribuna da oposição, para entregar a mensagem ao presidente do Congresso. Na mesma fileira, alguns ministros e representantes do corpo diplomático. Em todo o plenário se distribuiam os outros convidados, incluindo os representantes dos ministros que não puderam comparecer.

As galerias do plenário da Câmara também estavam quase totalmente ocupadas e nelas tomaram assento os integrantes da Banda dos Fuzileiros Navais, que entoou o Hino Nacional, enquanto nos jardins do Congresso eram disparadas 23 salvas de canhão.

### "ELOQUENTES MUDOS"

O presidente do Congresso, Nilo Coelho, iniciou seu discurso assinalando haver por toda parte uma sensação de desesperança e um sentimento de incapacidade para resolver os problemas econômicos. A crise, porém, não é apenas brasileira, mas do mundo, conforme fez questão de frisar.

Considerou o Brasil um exemplo raro dentro do quadro de crise internacional, pelo fato de dar continuidade ao processo de normalização política e institucional, como se evidenciou há pouco com a realização de eleições. Graças a isso, observou, "reinaugura-se hoje, entre nós, o primado da política sobre a técnica". Para Nilo Coelho, o técnico e o planejador esclarecem e indicam soluções, mas "só o político, pelo seu direto contato com o povo, com as suas aspirações e dificuldades, tem a capacidade para governar, com uma visão de conjunto dos problemas humanos".

E, aplaudido pelo plenário, acrescentou: "A verdade científica e a tecnologia não devem ser propriedade de ninguém, mas de todos, sobretudo do governo. Não pode haver separação entre a verdade do governo e a realidade da população brasileira".

Mais adiante, citou o padre Vieira, que qualificava de "eloquentes mudos" os oradores evangélicos que silenciavam diante dos erros da época. "Não pretendemos — disse — passar à história dos parlamentares do 'não dizer', quando nossa missão é a de falar."

Salientou que no moderno Estado brasileiro cabe aos poderes da União as responsabilidades de governo, havendo, portanto, responsabilidade solidária na solução dos grandes problemas nacionais. E disse que, nesse momento, se lhe fosse dado buscar interpretar as inquietações e os anseios do povo brasileiro, o faria "auscultando, com sensibilidade e reverência, as manifestações da sociedade brasileira."

Na conversa que manteve, pela manhã, com os jornalistas, o presidente do Senado foi enfático ao reiterar que algumas pessoas dentro do governo devem-se conscientizar de que o governo é minoria na Câmara. "Escreva no seu jornal que o governo agora é minoria na Câmara", aconselhou. E, diante da afirmação de um jornalista, de que os jornais sempre têm noticiado esse fato, Nilo Coelho frisou: "Pois escreva mais, todos os dias."



Foto Alencar Monteiro - Telefoto Estado

Juruna, de terno e gravata, foi atração no Congresso